

No pain, no gain...
O discurso da corpolatria em “Lili & Elizete”

FRANCISCO VIEIRA DA SILVA *

Resumo

Neste texto, objetivamos analisar o discurso da corpolatria nas tiras *Lili & Elizete*, de Caco Galhardo. Para tal intento, situamos nosso olhar investigativo no âmbito das reflexões de Ortega (2003; 2006) acerca das práticas bioascéticas contemporâneas. Nas tiras analisadas, verificamos que o humor reside na reiteração do discurso da corpolatria, de modo a compor uma heterogeneidade de posições enunciativas. Assim, na estabilidade das conversas entre as amigas Lili e Elizete, não raro se constata o duelo entre uma posição de recusa à bioassabilidade e uma posição que a defende de modo ferrenho.

Palavras-chave: Sujeito; Humor; Bioascese.

Abstract

In this text, we aim to analyze the discourse of *corpolatria* in the strips *Lili & Elizete*, by Caco Galhardo. For this purpose, we situate our investigative point of view in Ortega's (2003; 2006) reflections about the contemporaries *bioascéticas* practices. In the strips analyzed, we verified that humor lies in the reiteration of the discourse of *corpolatria*, in order to compose a heterogeneity of enunciatively position. Thus, in the stability of the conversations between the friends Lili and Elizete, no rare it establish the duel between one position of refusal to *bioassabilidade* and one position that defends it in an iron way.

Key words: Subject; Humour; *Bioascese*.



* FRANCISCO VIEIRA DA SILVA é Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba.

Discípulo afirma:

– A carne encanta o gume da alma.

Mestre firma:

– A alma encarde o lume da carne.

(André Moura)

[...] *Quem já lutou contra a balança, sabe muito bem que essa é uma batalha diária. E sempre me supervisiono para não deixar que a comida atrapalhe minha vida. Emagrecer foi só uma caminhada em busca de uma vida mais saudável e feliz* (Fernanda Thedin, em depoimento concedido à Revista Boa Forma).

Primeiras palavras

Na composição de um *corpus* de pesquisa, principalmente se esta estiver abrigada sob o horizonte teórico da Análise do Discurso, em que se postula que o *corpus* é moldado/construído, conforme o escopo do trabalho, não raro deparamo-nos com determinadas regularidades do ponto de vista enunciativo, as quais podem ou não ser mobilizadas na constituição do trabalho. Nesse sentido, dado o recorte que necessitamos efetuar, considerando as possibilidades de execução do estudo, diversos aspectos acabam ficando de fora, embora estes não sejam concebidos como residuais ou desnecessários, mas frutos de determinadas opções que somos impelidos a fazer.

No caso de nossa pesquisa de doutorado, na qual nos propomos a analisar os discursos que circulam no *site Ego*, mais precisamente aqueles que tomam a intimidade do sujeito celebridade como um objeto de discurso, inquietam-nos algumas questões de natureza metodológica. Assim, na análise de nosso *corpus*, estabelecemos como *trajeto temático* (GUILHAUMOU & MALDIDIER, 1997) a tríade *amor-sexualidade-família*. Esse trajeto, ao mesmo tempo em que embasa nossa entrada no *corpus*, serve de critério para a seleção/coleta do próprio *corpus*,

formado, prioritariamente, por notícias que circulam no referido *site*.

No processo de escolha do *corpus*, um aspecto chamou nossa atenção: a recorrência com que aparece nas notícias de *Ego* um discurso de valorização do corpo malhado, bem como de uma certa rejeição, ainda que de modo suave, em relação ao corpo gordo, fora dos padrões atualmente estabelecidos¹. Além disso, acreditamos que muitos sujeitos saem da condição obscura de anônimo, pelo fato de terem um corpo em conformidade com o discurso do *fitness*, com a evocação à boa forma; em suma, do corpo como ostentação (COURTINE, 2005). Há,

¹ Observando as notícias que circulam no *site Ego*, foi possível constatar uma regularidade em algumas notícias em torno de celebridades que não estão em dia com a lógica da corpolatria. Nos meses de agosto e setembro de 2014, *Ego* noticiou de modo incisivo que o ator Thiago Lacerda exibia uma “barriguinha”, quando este passeava e praticava esportes na praia. Pelo menos três notícias podem ser citadas: *Em manhã de vôlei, o ator Thiago Lacerda mostra uma barriguinha* (Ego, 26/08/2014); *Thiago Lacerda exhibe barriguinha saliente e repete bermuda* (09/09/2014); *Thiago Lacerda repete na praia bermuda, charme e barriguinha* (Ego, 18/09/2014). A ironia sutil abrigada no uso do termo *barriguinha* e a insistência em noticiar esse aspecto do ator em questão coadunam com uma certa função fiscalizadora que o aparato midiático em geral toma para si, no sentido de controlar o corpo do sujeito celebridade, de modo a enxertá-lo sob os moldes do discurso da *boa forma*.

portanto, uma relação estreita entre o discurso da corpolatria e os modos de emergência do sujeito celebridade na tessitura do discurso midiático. Por outro lado, interessa-nos constatar como o discurso de valorização da boa forma atravessa diferentes campos, desde a estética, a nutrição, a medicina, dentre outros, de modo a delinear as particularidades do momento histórico atual, no qual incide sobre o corpo uma série de práticas que objetivam discipliná-lo e moldá-lo, na confluência com uma ordem discursiva do *corpo sarado*.

Mesmo considerando a importância singular das constatações antes expressas e, inclusive, reiterando a possibilidade de esmiuçá-las oportunamente num texto posterior, neste artigo debruçamo-nos sobre o discurso da corpolatria no entroncamento com o discurso humorístico. Para tanto, tomamos como materialidade de análise quatro tiras publicadas no *site* do Jornal Folha de S. Paulo. Essas tiras, intituladas de “Lili & Elizete”, de autoria de Caco Galhardo, apresentam uma característica regular: duas amigas fazem exercícios físicos e divagam sobre questões pertinentes acerca do corpo, da obsessão em torno do *fitness*, das crises de depressão que as atingem, dentre outras.

Grosso modo, é possível antecipar, amparando-nos em Ortega (2003), que nas tiras de Galhardo, encetam-se determinados sentidos os quais apontam para uma biossociabilidade, ou seja, para um quadro em que “as ações individuais passam a ser dirigidas com o objetivo de manter a melhor forma física, mais longevidade, prolongamento da juventude, etc.” (ORTEGA, 2005, p.63). Na trivialidade das conversas entre as duas personagens, a premência em (man)ter a

forma física ideal é uma regularidade enunciativa que perpassa esse discurso. Na esteira de Ortega (2003), a biossociabilidade alia-se uma ascese que, por sua vez, implica um processo de subjetivação. Trata-se, nas palavras do autor, de “um deslocamento de um tipo de subjetividade para outro tipo, a ser atingido pela prática asceta. O asceta oscila entre uma identidade a ser recusada e outra a ser alcançada” (ORTEGA, 2003, p.62-63). Conforme demonstraremos nas análises a seguir, nos discursos de Lili e Elizete essas questões delinham-se de modo peculiar, pois na necessidade de ascender a um ideal de corpo perfeito, as personagens alijam-se de uma identidade que poderiam atrelá-las a uma pessoa fora de forma, gorda, com as marcas inalienáveis da carne; noutros termos, elas tentam desterrar a identidade dos chamados indolentes, incapazes e fracos (SIBILIA, 2009), os quais não conseguiram se adaptar à lógica da corpolatria, fugindo, pois, da norma estabelecida.

Da ascese clássica às práticas bioascéticas: (des)continuidades do corpo na constituição de si

No intuito de dar sustentação às análises ulteriores, convém fazermos uma analogia das práticas de ascetismo contemporâneas, denominadas de bioascéticas por autores como Ortega (2003), com as formas de ascese clássica e seus desdobramentos em momentos históricos posteriores. Essa associação permite-nos pensar o que estamos nos tornando (DELEUZE, 2005), frente aos discursos que hipervalorizam o corpo, a saúde (LIPOVETSKY, 2004), a prevenção de doenças, os hábitos higiênicos, a longevidade, por exemplo, de modo a materializar a atuação dos mecanismos do biopoder (FOUCAULT, 2008). As

diferenças incontornáveis que nos separam das formas de ascese de outrora cintilam na constituição de um sujeito moldado de acordo com as contingências histórias e sociais. De acordo com Gros (2008), trata-se de um sujeito que se constrói, que dá regras de existência e conduta, que se forma através de exercícios, técnicas e práticas.

Quando nos referimos, de maneira mais verticalizada, às práticas bioascéticas, levamos em consideração o fato de a autorreflexividade de outros tempos incrustada na alma ter sido transferida para a natureza tangível do corpo (ORTEGA, 2003). Assim, se antes subsistia um apelo a uma transcendência da vida mundana (SIBILIA, 2009) para a um encontro com uma divindade, por exemplo, hoje emerge uma prática que se volta única e exclusivamente para o corpo. É sobre este que recai o autogoverno e o autocontrole, alicerçados em saberes da tecnociência; sobre o corpo centra-se o foco das políticas públicas; enfim, é no corpo que se constituem as chamadas *bioidentidades* (ORTEGA, 2003), ou seja, identidades moldadas na seara dos discursos e práticas que fazem emergir o *bem-estar* físico como o elemento definidor da constituição do sujeito.

Alguns aspectos diferenciam frontalmente as práticas ascéticas de outrora da *bioascese* hodierna. Enfatizemos alguns deles: primeiro, na ascese clássica, corporificada, dentre outras formas, nas práticas do cuidado de si, havia uma vinculação com o exercício do poder (FOUCAULT, 2006). Dito de outro modo, o governo de si, o que implica um meticuloso trabalho com o corpo, no sentido de evitar os excessos e primar pela temperança, estava a serviço do governo do outro, do governo da cidade.

Pressupunha-se que o sujeito que sabia governar a si mesmo teria condições de gerir um povo. Havia, portanto, uma preocupação e um interesse coletivos no cuidado individual com o corpo. Além disso, os regimes e as dietas praticados pelos gregos visavam, sobretudo, à consecução de um equilíbrio entre o corpo e a alma. Na preparação das práticas bélicas e na condução de uma arte da existência era necessária uma firmeza moral (FOUCAULT, 1998), a qual estava diretamente relacionada ao cuidado de si.

Ora, se olharmos para a atualidade a partir da cosmovisão dos nossos predecessores, constataremos distinções pontuais. De acordo com Ortega (2003), a bioascese caracteriza-se como sendo uma prática apolítica, com feições individualistas. Os critérios que regem a bioascese não se agrupam em torno de preocupações coletivas como raça, classe ou orientação política, mas sobre a ênfase na saúde e na performance individual (cf. ORTEGA, 2006). A alteridade intrínseca à bioascese, a nosso ver, restringe-se à necessidade de o sujeito contemporâneo ter alguém a quem possa ostentar o corpo, espetacularizando-o. O outro, nessa acepção, constitui a audiência do *show* da boa forma. Ancorado na cultura do músculo (COURTINE, 2005), erigida em meados do século passado nos Estados Unidos, o discurso do *fitness* permite muitos sujeitos anônimos adentrar, ainda que de modo efêmero, nos holofotes da mídia. Dessa maneira, é necessário ser visto, e o corpo pode e deve ser fabricado, conforme o paradigma da corpolatria. A bioascese, ao contrário de outras formas de cuidado com o corpo, não objetiva um bem comum, que poderia se corporificar numa ação coletiva, mas, antes atende a desejos eminentemente hedonistas.

Um segundo aspecto que distingue a bioescese de outras relações do sujeito com o corpo diz respeito às novas técnicas de construção de si fortemente ancoradas na exterioridade (BEZERRA JR, 2002). Em contraposição à subjetividade intimista, consolidada principalmente a partir do século XIX, em que o corpo era eclipsado pela ênfase no psiquismo, numa cultura marcada prioritariamente pelo sentimentalismo, na bioescese a preocupação recobre o cuidado com o corpo físico². Se antes, “os sofrimentos individuais jorravam como desejos insatisfeitos que se estilhaçavam contra as normas sociais” (SIBILIA, 2009, p.36), hoje o foco recai sobre as agruras e as delícias na busca de um corpo sob a moral da boa forma. Para tanto, as mais diversas técnicas e procedimentos são demandados por sujeitos que desejam fugir do estigma de se ter um corpo fora dos padrões, o que inclui, desde a obsessão pelas cirurgias que visam a “corrigir” as imperfeições orgânicas, passando pela miríade de dietas, acompanhadas pelos discursos da alimentação saudável, até as atitudes excessivas de se utilizar substâncias que mais tarde acarretarão em consequências graves para o corpo, como os anabolizantes, ou ainda o horror à comida propugnado por sujeitos que primam por um corpo extremamente magro.

² Sob essa lógica, Ortega (2006) defende que a sexualidade, elemento indissociável da biopolítica oitocentista, ocupa uma posição secundária na biossociabilidade contemporânea. Nas palavras do autor: “O tabu que se colocava sobre a sexualidade desloca-se agora para o açúcar, para as gorduras e taxas de colesterol” (p.43). Isso não implica reconhecer que a sexualidade não possuía a devida relevância na constituição do discurso da corpolatria; todavia, é preciso atentar para o fato de o sexo deixar de ser o centro sobre o qual forças centrípetas atuavam no sentido de situá-lo como o lugar da patologia e, portanto, da intervenção biopolítica.

Nesse ínterim, Ortega (2003; 2006) fala-nos de *identidades somáticas* ao se referir aos processos nos quais os sujeitos se constituem a partir da exterioridade corporal, com ênfase na aparência. Para esse autor, a urgência em deslocar para exterioridade o modelo internalista de construção e descrição de si subsidia, por exemplo, a proliferação de práticas de *body modification*, da tatuagem, dos implantes subcutâneos e outras formas de intervenção na superfície corporal. “Só aceitamos o corpo submetido a um processo de modificação constante”, assevera Ortega (2006, p.49).

“Ficar deprimida, mas com a bunda dura!”

As tiras “Lili & Elizete”, de Caco Galhardo, são publicadas com frequência no Jornal Folha de S. Paulo, tanto na edição impressa, como na versão digital. Conforme classificação postulada por Ramos (2011), as tiras anteriormente mencionadas podem ser denominadas de *tiras cômicas*, por apresentarem as seguintes características: i) os personagens podem ser fixos ou não; no caso de *Lili & Elizete*, os personagens são os mesmos, com poucas variações; ii) há predomínio da narrativa, com o uso de diálogos; iii) observa-se a criação de um desfecho inesperado, como se fosse uma piada “por dia”. Nas tiras de Galhardo, o humor que advém desta piada faz menção ao discurso da corpolatria, de modo a compor uma heterogeneidade de posições enunciativas. Assim, na estabilidade das conversas entre as amigas Lili e Elizete, não raro se constata o duelo entre uma posição de recusa à biossociabilidade e uma posição que a defende de modo ferrenho. Nesse entrecruzamento dessas vozes, o humor é discursivamente construído.

Analisemos, pois, a tira a seguir³:



Figura 1⁴

O cenário em que se passa a breve narrativa entre as personagens supracitadas é estável: elas sempre estão em esteiras de ginástica. Entre a força inabalável de uma e a preguiça e crise de depressão da outra, podendo variar entre ambas, uma vez que, em algumas tiras, é Lili quem está em crise, noutras, Elizete sente-se desiludida e sem ânimo para os exercícios físicos, figura-se uma tensão na busca e/ou na recusa em sacrificar o corpo, de modo a discipliná-lo. Consoante frisa Ortega (2003), no paradigma da biossociabilidade, o corpo ocupa o espaço antes dedicado ao psiquismo. Nesse sentido, o discurso de Elizete encaminha-se em tal direção, uma vez que o fato de estar com o corpo em forma (“bunda dura”) sobreleva-se às crises de depressão, podendo, talvez, curá-las, se levamos em consideração que a ideia de felicidade, nessa perspectiva, aloja-se na superfície do corpo. A exteriorização, ou nas palavras de Ortega (2003) a construção de *identidades somáticas*, transpõe para o corpo os dissabores outrora relativos à alma.

Na materialidade verbo-visual das tiras, pelo menos dois aspectos merecem ser focalizados. Primeiro, o destaque gráfico (negrito) conferido às palavras *malhar*, *passa* e *bunda dura*. Não nos parece fortuito o fato de justamente estes vocábulos estarem grafados desta forma, pois o discurso de Elizete aponta para a constituição de subjetividades ancoradas no culto ao corpo em forma. Não há mais lugar para subjetividades intimistas (SIBILIA, 2009), voltadas para o interior de si, quando podemos transmutar nossos desejos psíquicos nos prazeres do corpo malhado, pronto para o deleite de outrem. Segundo, a disciplina da postura corporal de Elizete, típica das atividades de ginástica, contrasta com a debilidade e apatia de Lili, envolvida em suas crises de existência. Em suma, as personagens performatizam seus corpos, conforme seus posicionamentos em relação ao discurso da corpolatria.

Do discurso de Elizete, emergem sentidos que nos remetem à necessidade de manter o corpo sob o olhar atento do cuidado de si, em contraposição à inépcia de Lili, símbolo da impotência frente à preponderância do *fitness*. Isso corrobora a afirmação de Bauman (2008) acerca da lógica que rege a idolatria ao corpo. Para o autor, “o corpo humano (ou seja, o corpo tal como foi recebido por acidente da natureza) é algo que ‘deve ser superado’ e deixado para trás” (p.79). Superar as impurezas corporais redundam em

³ Algumas tiras em que aparecem as personagens Lili e Elizete são denominadas de *Liliaex* (Lili, a ex), pelo autor Caco Galhardo. Essas tiras compõem uma série na qual a personagem Lili aparece sempre na posição de uma ex-mulher impertinente, pois não aceita o fim do relacionamento amoroso com o personagem Reginaldo.

⁴ Todas as tiras analisadas foram retiradas do site do jornal *Folha de S. Paulo*: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/>. Acesso em: 04. set. 2014.

adestrá-lo, a partir de técnicas de disciplinamento e controle. O corolário desse processo reside na inserção do corpo como o lugar da moral (ORTEGA, 2003). O corpo em forma apresenta-se, portanto, como um sucesso pessoal, ao qual todos podem aspirar, desde que se dedique a isso (cf. GOLDENBERG, 2007). Desse modo, o sujeito que não ostenta um corpo malhado tende a ser encarado como alguém destituído de caráter e fraco. Na

tira de Galhardo, a personagem Lili representa um desses sujeitos, tendo em vista sua pouca afeição às práticas da bioascese empreendidas de modo vertiginoso por Elizete. Reiteramos, portanto, a nulidade da dimensão política e social na bioascese, o que a difere das práticas ascéticas presentes noutros momentos históricos, como na sociedade greco-romana. A tira a seguir ratifica nossas considerações:



Figura 2

Na tira acima, a personagem Lili transpõe para o cuidado com o corpo os problemas de natureza psíquica que a afetam. A *nóia* de que fala a personagem justifica o excesso dos exercícios físicos (“vou malhar que nem louca”). No segundo quadrinho, quando Elizete indaga a Lili os motivos que fundamentam o reforço na malhação, ela se refere aos fatores que normalmente estão na base desse tipo de exercício, como as gorduras localizadas (“extras”, na voz da personagem). O que surpreende o leitor da tira e permite a construção do humor é o fato de a personagem procurar a cura de uma disfunção de ordem psicológica na prática da bioascese; essa associação, a nosso ver, ampara-se no funcionamento de uma série de discursos que apontam para uma relação de contiguidade entre o corpo e a mente, entre a saúde física e psicológica⁵.

Esse aspecto reflete a busca por uma *identidade somática*, para a qual Lili endereça todo seu esforço asceta. Daí provêm os modos de subjetivação, os quais preconizam um trabalho de si para si. Nesse caso, conforme nos ensina Ortega (2003), Lili oscila entre uma identidade a ser recusada, isto é, o espectro da *nóia*, e outra a ser alcançada, uma identidade de alguém com o corpo em forma, em consonância com o bem-estar do ponto de vista mental. Para atingir este estado, é necessário intensificar o treino, trabalhar de maneira insana sobre o corpo, deixá-lo “sarado”, livre de todas as imperfeições intrinsecamente orgânicas. Tais especificidades emolduram a constituição do discurso da corpolatria, de acordo com o que podemos observar também na tira a seguir expressa:

⁵ Nesse sentido, sinalizamos para a adoção de práticas de meditação orientais, como a *Yoga*,

por parte do discurso do *fitness*, com vistas a aglutinar o corpo e a mente na seara das práticas de bioassabilidade contemporâneas.



Figura 3

Na tira supracitada, Lili encontra-se numa grave crise de natureza psicológica, que a impossibilita ter ânimo para os exercícios físicos. Para “confortar” a amiga, Elizete assevera sem dó: “Terapia é as quatro, agora é pilates!”. Ao produzir esse dizer, Elizete aponta para a necessidade que o sujeito contemporâneo nutre no sentido de cuidar de si, o que inclui tanto a urgência em ficar com o corpo na ordem da bioascese, quanto tratar das perturbações psíquicas, através do auxílio imprescindível do saber psicanalista. Tem-se, pois, a constituição de um sujeito moldado a partir de diferentes saberes.

Além disso, a resposta enfática de Elizete emenda-se às peculiaridades do discurso da corpolatria, na medida em que delimita um lugar de fala. Noutros termos, falar dos problemas psicológicos na hora das atividades físicas, como faz Lili, não cabe, pois existem outros momentos específicos para isso, como as seções de terapia. O humor instaura-se justamente nesta irredutibilidade entre corpo e mente. A prática da ginástica, mais precisamente do pilates, conforme sublinha Elizete, prevê a cisão entre o trabalho com o corpo e o cuidado com a mente. Na prática, não é essa a ideia que as academias que oferecem este tipo de serviço preconizam, bem como os discursos veiculados na mídia, de uma maneira geral, uma vez que o pilates, como um método de condicionamento físico, atrela-se a busca por um equilíbrio e relaxamento mental⁶. Dessa aparente disjunção entre o discurso e a prática, é possível entrever uma posição de crítica ao discurso da corpolatria, de modo a desconstruir determinadas regularidades enunciativas inerentes a tal discurso.

Prosseguindo com as análises, vejamos a tira abaixo:



Figura 4

⁶ Disponível em: <http://fisioterapiamanual.com.br/blog/areas-da-fisioterapia/pilates-3/>. Acesso em 08. out.2014.

Na tira acima, Lilia acusa Elizete de hipócrita, quando esta última afirma que é possível fazer exercícios físicos, os quais demandam um alto nível de esforço, e aparentar leveza, pois é como “se não fizesse esforço nenhum”. A postura de Lili é bastante sintomática no sentido de dar vazão a discursos que se contrapõem ao paradigma da corpolatria. Nessa medida, acreditamos que a acusação de Lili desmonta o argumento de Elizete, pois o esforço físico é indissociável das práticas bioascéticas. Conforme assinala Ortega (2003), o imperativo do cuidado, da vigilância e da ascese constante de si exige um grau de disciplina enorme; desse modo, o sorriso de Elizete, de acordo com a posição de Lili, só pode ser falacioso. Não é exagero considerar que práticas corporais as quais mobilizam atitudes masoquistas constituem um paradoxo em relação ao hedonismo e ao prazer consumista contemporâneos. No entanto, consoante denota o título deste trabalho – *no pain, no gain* – espécie de mantra dos sujeitos que se identificam com o culto ao corpo, é possível afirmar, numa tradução improvisada: “Sem esforço, não há ganho!”

Palavras finais

Não é novidade discutir acerca do ostensivo culto ao corpo na sociedade contemporânea. Diferentes áreas do conhecimento dedicam-se incansavelmente a perscrutar os discursos e as práticas que sustentam essa obsessão pelo corpo malhado, bronzeado, siliconado, modificado ao sabor dos mais variados mecanismos de intervenção estética. Todavia, nessa breve discussão, procuramos um modo de tratar de um tema em voga há bastante tempo, o que não significa afirmar que todas as possibilidades de discuti-lo tenham se estancado, a partir

do exame do discurso da corpolatria no entrecruzamento com o humor, acreditando que nesta perspectiva residiria a singularidade desta proposta. Pensar o monitoramento do corpo nas (des)continuidades do discurso humorístico foi o aspecto nodal que nos impulsionou a desenvolver o presente texto. Para desenvolver tal objetivo, lançamos nosso olhar sobre algumas tiras cômicas publicadas na *Folha de S. Paulo*, de autoria de Caco Galhardo, originalmente intituladas de “Lili e Elizete”, não prescindido de considerar as variações a que essas tiras frequentemente estão suscetíveis no exercício da função-autor.

Para a consecução da referida análise, apostamos em investir na discussão das práticas que encetam modos de ascese diametralmente distintos dos que emergiram noutros momentos históricos. Trata-se, nas palavras de Ortega (2003; 2006), de práticas de *bioascese*, na medida em que os esforços dirigidos ao corpo estão alicerçados no discurso clínico e estético, de modo que a ênfase no corpo como um fim em si mesmo parece transcender os investimentos outrora conferidos à alma e ao sentimentalismo, na construção das *bioidentidades*. Em algumas passagens das tiras, verificamos como a velha dualidade *corpo e alma* retorna pinçada com as cores do apelo ao *fitness*.

Na heterogeneidade de posições enunciativas nas quais as personagens Lili e Elizete deslindam-se, foi possível constatar críticas e filiações ao discurso da corpolatria, o que demonstra a necessidade de se investigar de maneira mais profícua como o culto ao corpo afeta os sujeitos nas fissuras da história do presente. Da ascese clássica à bioascese, sobre o corpo os mais diversos sentidos são construídos. Dá

para ouvir as ressonâncias de Platão (1991, p.132): “Ter a alma desligada e posta a parte do corpo, não é esse o sentido exato da palavra morte?”

Referências

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BEZERRA JR, B. O ocaso da interioridade e suas repercussões na clínica. In: PLASTINO, C. A. (Org.). **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.

COURTINE, J. J. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANTANA, D. B. (Org.). **Políticas do corpo**: elementos para uma história das práticas culturais. 2ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

DELEUZE, G. O que é um dispositivo? In: _____. **Michel Foucault, filósofo**. Trad. Wanderson F. Nascimento. Barcelona: Gredisa, 1990.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II**: o uso dos prazeres. 8. ed. Trad. Maria Thereza da C. Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal Edições, 1998.

_____. **A Hermenêutica do sujeito**. Trad. Márcio Alves da Fonseca & Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **O nascimento da biopolítica**. Trad. Laura Faga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2008.

GOLDENBERG, M. Apresentação. In: _____. (Org). **Nu & Vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GROS, F. **O cuidado de si em Michel Foucault**. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (Orgs.). **Figuras de Foucault**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo: a análise do discurso do lado da História. In: In: ORLANDI, E. (org.). **Gestos de Leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. Trad. Márcio Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MOURA, A. **Lã de vidro**: diálogos poéticos. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2009.

ORTEGA, F. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades, **Cadernos de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, n.11, 2003. Disponível em: http://www.iesc.ufrj.br/cadernos/images/csc/2003_1/artigos/2003_1%20FOrtega.pdf. Acesso em 10. jan. 2014.

_____. Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (Orgs.). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed., 2006.

PLATÃO. **Diálogos**. Trad. José Cavalcante de Sousa; Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

RAMOS, P. **Faces do humor**: uma aproximação entre piadas e tiras. Campinas: Zarabatana Books, 2011.

SIBILIA, P. O corpo modelado como imagem: o sacrifício da carne pela pureza digital. In: RIBEIRO, R. C.; SILVA, M. R. S.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: composições e desafios para a formação docente. Rio Grande: Editora da FURG, 2009.

THEDIN, F. Não tenho mais medo de entalar na catraca do ônibus. Disponível em: <http://boaforma.abril.com.br/desafios/eu-consegui/nao-tenho-mais-medo-entalar-ctraca-onibus-757228.shtml>. Acesso em: 30. set. 2014.

Recebido em 2014-10-10
Publicado em 2015-04-06